

# O discurso de mulheres da periferia: entre o dito e o não dito<sup>1</sup>

*The discourse of women from the periphery: between what is said and what is not said*

Rosemeire Lopes da Silva Farias<sup>2</sup>  
*Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul*

Marlon Leal Rodrigues<sup>3</sup>  
*Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul*

**Recebido em:** setembro de 2023.  
**Aprovado em:** abril de 2024.

## Como citar este trabalho:

FARIAS, R. L. da S.; RODRIGUES, M. L. O discurso de mulheres da periferia: entre o dito e o não dito. **Traços de Linguagem**, v. 8, n. 2, 134-147, 2024.

♦ **RESUMO:** Este artigo tem como objetivo apresentar um recorte do estudo feito para a pesquisa de pós-doutorado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), com o tema 'A posição discursiva de mulheres da periferia: o protagonismo de trabalhadoras e donas de casa e a representatividade na política'. A intenção da pesquisa é estudar a posição discursiva adotada por mulheres simples, trabalhadoras comuns da periferia de Campo Grande-MS, destacando seus pensamentos, sua postura adotada na comunidade e suas estratégias para superar a imagem historicamente construída de que lugar de mulher não é na liderança. Como pergunta norteadora temos: Como uma mulher simples, que mora na periferia, enfrenta o preconceito e os obstáculos que a sociedade lhes impõe? Pretendemos com o estudo identificar as estratégias discursivas escolhidas pelas mulheres e verificar nos discursos de que forma a linguagem e a identidade se articulam na construção da identidade da mulher líder comunitária. Como resultado deste estudo, elaboramos esse texto que levanta um questionamento sobre o dito e o não dito, tendo como base algumas respostas apresentadas pelas entrevistadas na pesquisa em questão.

♦ **PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres da periferia. Discurso. O dito e o não dito.

♦ **ABSTRACT:** This article aims to present an excerpt from the study carried out for postdoctoral research in Letters at the State University of Mato Grosso do Sul (UEMS), with the theme 'The discursive position of women from the periphery: the protagonism of workers and owners from home and representativeness in politics'. The intention of the research is to study the discursive position adopted by simple women, ordinary workers from the outskirts of Campo Grande-MS, highlighting their thoughts, their posture adopted in the community and their strategies to overcome the historically constructed image that a woman's place is not in society. leadership. As a guiding question we have: How does a simple woman, who lives on the periphery, face the prejudice and obstacles that society imposes on her? With the study, we intend to identify the discursive strategies chosen by the women and verify in the speeches how language and identity are articulated in the construction of the identity of the female community leader. As a result of this study, we prepared this text that raises a question about what is said and what is not said, based on some answers presented by the interviewees in the research in question.

<sup>1</sup> Este artigo é fruto da pesquisa de pós-doutorado da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, sob a orientação do Professor Dr. Marlon Leal Rodrigues.

<sup>2</sup> Graduada em Letras e Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário da Grande Dourados, mestra em Linguística pela Universidade de Brasília, doutora em educação pela Universidade Católica Dom Bosco, pós-doutoranda pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

<sup>3</sup> Docente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

♦ **KEYWORDS:** Women from the periphery. Speech. The said and the unsaid.

## Introdução

Este artigo apresenta um recorte da pesquisa, intitulada ‘A posição discursiva de mulheres da periferia: o protagonismo de trabalhadoras e donas de casa e a representatividade na política’, do pós-doutorado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

A intenção da pesquisa é estudar e analisar a posição discursiva adotada por mulheres simples, trabalhadoras comuns que moram na periferia de Campo Grande-MS, para destacar seus pensamentos, sua postura adotada diante da comunidade e as estratégias escolhidas por elas, a fim de superar a imagem historicamente construída e marcada por estereótipos, restrições e expectativas que colocam a mulher à margem dos espaços de decisão, sendo sempre coadjuvante. A imagem construída da mulher é influenciada por fatores sociais, políticos e religiosos, culturalmente a ela foi reservado o papel de ‘rainha do lar’, tirando-a dos espaços de poder e de liderança na sociedade.

Por entender que a mulher ainda precisa quebrar paradigmas para se tornar protagonistas em todos os cenários sociais, principalmente no político, adotamos a seguinte pergunta: ‘como uma mulher simples, moradora de bairros da periferia de Campo Grande, enfrenta o preconceito, a desvalorização por ser mulher e os obstáculos que a sociedade lhes impõe?’ Outro questionamento também veio à luz: ‘as estratégias discursivas adotadas por essas mulheres possibilitam que elas conquistem o seu objetivo: maior representatividade na política?’.

Nesse contexto, entendemos que a relação entre pensamento, linguagem, mundo e a posição que se ocupa estão refletidas no discurso adotado, embora não totalmente explícita, é possível observar e analisar em diferentes momentos e em formas diferentes de dizer a ideologia dos enunciadores, destacando o seu lugar de fala.

Adotamos como suporte o entendimento de que, conforme Foucault (2012), um discurso, enquanto rede de signos, conecta-se a outros discursos, ou a outras redes discursivas, dando forma a um sistema aberto que reproduz e estabelece valores de uma determinada sociedade, quebrando ou perpetuando paradigmas. Para Landowsdki (1992, p.154), “(...) o homem é, no fim das contas, um ser lógico; mas não o é completamente. Por exemplo, a maioria de nós se inclina para a confiança e a esperança, mais que a lógica nos autorizaria”.

Todos nós, de certa forma, somos influenciados pela experiência de mundo que acumulamos ao longo de nossa trajetória e damos ao nosso discurso o tom e a força necessária seguindo nosso instinto de sobrevivência social. Somos fruto da linha discursiva que se forma ao nosso redor, da qual passamos a fazer parte a partir do momento em que entendemos o nosso papel.

Nesse contexto, o objetivo geral da pesquisa proposta é analisar a posição discursiva de mulheres da periferia, destacando o protagonismo de trabalhadoras e donas de casa em busca de respeito, reconhecimento e de representatividade na política.

Assim, como resultado parcial desse estudo, neste artigo apresentamos algumas perguntas e respostas apresentadas por colaboradoras e fazemos uma simples análise, destacando o que está explícito no discurso e o que a nosso ver está implícito, revelando a força discursiva e o posicionamento das colaboradoras, o que evidencia como elas se enxergam.

Foram entrevistadas mulheres da periferia de Campo Grande, que se destacam em suas comunidades pelo envolvimento político e que apresentam trabalhos comunitários, tendo posição de liderança.

Para analisar as respostas, adotamos a visão bakhtiniana de gênero discursivo (2003), tendo também como base os trabalhos de Marcuschi sobre análise de gêneros e compreensão textual, assim como Orlandi (2020) e Foucault (1996), entre outros.

Vale ressaltar que consideramos que o discurso não é e não deve ser visto apenas pelo aspecto “verbal”, tendo em vista que envolve uma interação situada em posicionamentos histórico e socialmente construídos, sendo, portanto, uma prática social, um tipo de comunicação posicionada nos aspectos social, cultural, histórico e político (DIJK, 2008). Assim, o que externamos é, pois, resultado da bagagem construída em nossa trajetória de vida.

### **O gênero ‘discurso’, o enunciado e suas nuances**

Para iniciar a discussão é importante mencionar que não há uma relação direta, transparente entre linguagem e mundo, assim como entre os sujeitos do discurso e os seus pensamentos, essa relação é concretizada por meio das mediações (ORLANDI, 2012). Assim, o discurso enquanto instância material dessa relação leva a construção teórica de subsídios para se compreender os processos de comunicação e de produção de sentido. Nesse contexto é que a identidade dos sujeitos é definida e seu papel no cenário social passa a ser marcado.

Mas é fundamental ter em mente que o discurso não se configura em uma mensagem concretizada em que o enunciador transmite informação para o enunciatário, o discurso traz em seu bojo efeitos de sentidos que traduzem a emoção, a situação de fala, podendo revelar a relação entre os interlocutores. Porém, não podemos confundir discurso com o simples ato de fala. Seu funcionamento e nuances carregam em si o contexto social, o histórico, o político, o sistema e a realização, o subjetivo e o objetivo, tudo que perpassa o dito e o não dito. Para Orlandi (2020), a língua é condição de possibilidade de discurso, no entanto há uma fronteira entre língua e discurso que em cada prática discursiva se materializa.

Orlandi (2020) destaca que o sentido não existe em si, mas é marcado e determinado pelas posições ideológicas presentes no processo sócio-histórico em que as palavras são enunciadas. Isso significa dizer que as palavras podem variar de sentido de acordo com as posições e o contexto em que aqueles que as empregam estão. Assim, a formação discursiva moldada pela formação ideológica dita o que pode ou não ser dito, ou seja, o discurso se constitui em sentidos, visto que tudo o que o sujeito externa está assentado na sua forma de ver o mundo e a si mesmo, até nos momentos em que decide dizer o que o outro quer ouvir. Suas palavras são fruto de sua formação discursiva, mas podem ganhar outro sentido se forem inseridas em contextos discursivos diferentes.

Disso se tira que não há discurso sem sujeito, assim como não pode haver sujeito sem ideologia. A ideologia e o inconsciente se apresentam materialmente ligados pela língua. Nessa esteira, cabe trazer o que Orlandi (2020) fala sobre a interpretação do dito e do não dito e a sua relação com o sujeito, por meio dos sentidos de suas palavras. Para a autora, é preciso ficar claro que uma palavra pode significar diferentes coisas, o que está em jogo nessa trama significativa é ‘quem diz’ e ‘como se diz’, disso depende os sentidos atribuídos. Por isso, ao se propor analisar discursos é importantíssimo ver como se constitui o corpus, e sua delimitação não pode seguir critérios empíricos, mas, sim,

teórico. Abordaremos mais sobre essa relação na parte do texto em que se analisa enunciados produzidos pelas entrevistadas.

Sobre o gênero discursivo, Bakhtin (2003a), em seu texto que trata sobre esse tema, menciona que os gêneros do discurso resultam em ‘formas-padrão’ que são relativamente estáveis, determinadas sócio-historicamente. O falante só se comunica, fala e escreve por meio de gêneros do discurso. Os sujeitos (falantes) têm um sem-número de repertórios de gêneros e às vezes nem percebem isso. Na conversa formal, na informal, o discurso é estruturado e moldado pelo gênero que está em uso. Para Bakhtin (2003) esses gêneros nos são dados, pode-se dizer, da mesma forma como a língua materna nos é dada. Mas, são o contexto e a experiência linguística, resultado das entradas linguísticas às quais o falante é exposto, que se formam o arcabouço linguístico que o falante/o enunciatador vai ativar quando o processo interacional assim exigir.

As palavras discurso, enunciado, gênero discursivo aparecem inicialmente neste texto sem se deter a um conceito em particular até em tão. Julgamos oportuno mencionar a seguinte definição de Foucault (1996, p. 49):

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si.

Na esteira de Foucault (1996), colocamos, ainda, o que nós compreendemos como discurso, seguindo a orientação de Fariclough (2001), segundo o qual discurso seria o uso da linguagem nas diferentes práticas sociais em que os sujeitos se constituem como sujeitos históricos em seu mundo, sendo o discurso uma prática que pode ser recriada com a possibilidade de transformar a realidade.

Marcuschi (2004), por sua vez, diz que o falante faz uso do seu vernáculo em sua convivência social, nas interações que ocorrem diariamente, de acordo com as necessidades de comunicação de cada interlocutor em seu espaço social. A linguagem estabelece a interação necessária para que se possa viver em sociedade, sendo uma forma (prática) de ação social.

Vale trazer ainda o que Foucault (2012) sugere. Para ele um discurso, enquanto rede de signos, está conectado a outros discursos, a outras redes discursivas, e assim se forma um sistema aberto que reproduz e estabelece valores de uma determinada sociedade, perpetuando ou quebrando paradigmas, dependendo sempre do contexto de produção e da vontade do enunciatador.

Sobre as condições de produção do discurso, cabe apresentar as palavras de Pêcheux (1997, p. 79) que afirma serem as condições de produção, dentro do processo de produção do discurso, “uma estrutura definida (...) a partir da língua”.

O enunciatador é “um ser lógico”, mas influenciado pelo meio do qual faz parte, do que se entende que ele não é completamente lógico: “a maioria de nós se inclina para a confiança e a esperança, mais que a lógica nos autorizaria” (LANDOWSDKI, 1992, p.154). Somos, pois, influenciados pela experiência de mundo (memória discursiva) que construímos ao longo de nossa história, e é essa bagagem significativa que dita o tom do nosso discurso, sendo mais ou menos intenso de acordo com as necessidades.

Cada enunciado produzido, segundo Bakhtin (2003b), resulta de uma “memória discursiva”, que se forma com o material discursivo ao qual somos expostos na nossa trajetória, material esse repleto de enunciados que já foram proferidos em outros momentos e épocas, em outras interações. Inconscientemente o falante toma como base

esse conteúdo para produzir suas enunciações e formular seu discurso. Isso faz com que a enunciação seja caracterizada pela alternância de atos de fala em uma relação dialógica.

Para Foucault (1969) um enunciado faz parte de uma formação discursiva, assim como uma frase faz parte do texto e uma proposição pertence a um conjunto dedutivo, ou seja, há uma ligação entre esses pares que lhes confere sentido.

O enunciado não é, pois, no plano da linguagem, a projeção direta de uma situação preestabelecida e determinada, não reúne um conjunto de representações definidas. Não sendo, portanto, a utilização simples, por parte de um sujeito falante, de um conjunto de elementos linguísticos. Ele se situa em um campo enunciativo em que seu lugar e status estão relacionados com memórias discursivas (o passado), abrindo espaço para um futuro significativo.

Enunciado e discurso se entrelaçam em uma rede de significados ditados pela intencionalidade do produtor, dentro de contextos e atos de fala, pois cada falante como agente da prática discursiva carrega uma bagagem de ditos e não ditos que formam sua rede discursiva e sua memória discursiva, considerando ser o falante um sujeito histórico.

Assim, entende-se que o discurso é formado por uma rede de enunciados, que possuem relação entre si, tornando possível a existência de significantes. A palavra discurso traz a ideia de percurso das palavras, o objeto da análise do discurso é a língua em prática estabelecendo sentidos. O discurso seria uma prática que faz relação da língua com “outras práticas” no campo social-interacional em que a intenção é uma moeda cara.

A intenção presente nos enunciados construídos transcende os valores linguísticos e a significação das palavras, ou seja, o discurso ultrapassa os aspectos micro textuais e pode, de acordo com Foucault (1986), ser entendido considerando as relações estabelecidas no plano dos poderes e dos saberes envolvidos no processo de significação.

Para Foucault (1986), o discurso não pode ser considerado dentro de uma estreita e limitada superfície de contato ou de debate, de confronto entre duas realidades linguísticas. Não podemos encarar o discurso como um conjunto de signos que remetem apenas a um conteúdo, ou seja, como um léxico associado a uma experiência, mas, sim, precisamos entendê-lo como práticas sociais, uma vez que o discurso constitui e é constituído em processos de interação, diferenciando-se na concepção do sujeito de dizer, isto é, a diferença está no lugar de fala do sujeito.

Isso porque a formulação do sujeito do discurso em Foucault (1986) leva para a ideia de posições de sujeito diferenciadas, por causa dos lugares de onde esse sujeito retira a motivação e o conteúdo do seu discurso, ou seja, depende do lugar de onde ele fala.

Dessa forma, mesmo que o discurso seja composto por signos, estes não designam coisas simplesmente, eles falam mais, e é esse mais que faz o discurso não se reduzir à língua e ao ato da fala (FOUCAULT, 1986).

Vale acrescentar que, para Bakhtin (1992) e Fairclough (1992), é preciso analisar o discurso tendo sempre em mente o interlocutor, mesmo que este não seja um interlocutor real, concreto, porque é importante saber a quem se dirige, quem é o destinatário do discurso. E mais, ao pensarmos no sujeito do discurso, é fundamental considerá-lo não somente em sua posição de falante, usuário da língua, mas também em sua posição ideológica, porque isso revelará o sentido atribuído aos enunciados.

Entretanto, é preciso não perder de vista que, conforme Bakhtin (1992), as palavras do interlocutor interferem nos enunciados produzidos pelo enunciador, melhor dizendo: em uma interação as palavras do outro interferem nos nossos enunciados, na nossa expressividade e no tom valorativo, que imprimimos em nossos dizeres.

Dessa forma, a nossa experiência verbal vai adquirindo corpo condicionada à interação que temos com os enunciados de outros interlocutores, por meio de um processo de assimilação, o que pode ser criativo ou não, dependendo da situação e dos agentes

motivadores. Para Bakhtin (1992), nossos enunciados são influenciados pelas palavras dos outros, por isso que consciente ou inconscientemente assimilamos e guardamos na memória termos presentes nos discursos das pessoas com as quais interagimos. Elas interferem na composição do nosso vocabulário e na forma como interpretamos o mundo.

Resumindo, podemos afirmar que nosso discurso é reflexo de toda experiência linguística que acumulamos ao longo de nossas vidas, tudo o que vivemos linguisticamente aparece no que produzimos ou reproduzimos, pois ao que assimilamos conferimos outra significação dependendo do processo de interação.

### **O discurso mulheres da periferia<sup>4</sup>: o dito e o não dito**

Para iniciar a discussão convém destacarmos o que se entende por periferia. Para isso apresentamos as palavras de Jesus (2021, p. 80): “o conceito mais óbvio para definir periferia seria o geográfico, dada a posição desses ambientes em relação às áreas centrais”. No entanto, “o termo periferia também está vinculado à ordem social e ao poder, sendo associado a lugares e sujeitos objetos do abandono das políticas, em áreas ao redor do centro que foram sendo ocupadas pelos poderes populares.” (JESUS, 2021, p. 65).

Posto isso, retomamos a definição de discurso apresentado por Pêcheux (1997), segundo o qual discurso é sempre realizado tomando como base as condições de produção postas. O discurso é o debate, a prática política, o confronto de ideias, de sentido, é perpassado por outros discursos, é o conflito, é consenso. Ele não nasce de uma fonte única, é resultado de uma pluralidade de fatores que o motiva. O discurso tem uma memória.

O discurso nasce da repetição, da motivação, que não é intencional, consciente, a reprodução ocorre sem o sujeito enunciatador se dar conta e seu sentido pode não estar explícito, as palavras podem ganhar sentido conforme seu emprego, na formação discursiva. Para Pêcheux (1997), formação discursiva seria o espaço em que os sentidos são construídos, esse espaço define o que pode e o que não pode ser dito em uma dada conjuntura discursiva. É nos interdiscursos, no que está implícito, nas entrelinhas, entre o dito e o não-dito, que encontramos a formação discursiva.

É preciso lembrar que o que está implícito não tem um significado fixo, o sentido é construído levando em conta o contexto e as condições de produção, mas o que está implícito, o não dito, o subentendido pode estar carregado de significado e nos dizer mais que o que é dito. A incompletude do discurso se relaciona com o simbólico, e este é carregado de sentido e é a isso que temos que chegar, buscando suas relações para compreender a produção de sentido. Segundo Orlandi (1992, p. 12), “[...] há uma dimensão do silêncio que remete ao caráter de incompletude da linguagem: todo dizer é uma relação fundamental com o não dizer”.

O silêncio está intimamente relacionado com o não silêncio, a falta, a ausência de discurso completa o que é externado, nada está pronto, acabado, concluído, há um movimento constante de sentidos. Por isso, para compreender um discurso sempre nos valemos de nossas vivências e conhecimentos construídos ao longo de nossas vidas, considerando que cada sujeito, ao produzir seu discurso, fá-lo relacionando com o interdiscurso ou memória discursiva (PÊCHEUX, 1999).

---

<sup>4</sup> “o conceito mais óbvio para definir periferia seria o geográfico, dada a posição desses ambientes em relação às áreas centrais” (JESUS, 2021, p. 80). E mais: “o termo periferia também está vinculado à ordem social e ao poder, sendo associado a lugares e sujeitos objetos do abandono das políticas, em áreas ao redor do centro que foram sendo ocupadas pelos poderes populares.” (JESUS, 2021, p. 65).

Os sentidos, então, estão condicionados à posição dos discursos na linha discursiva, na história, no contexto social e político, e à forma como foram produzidos. Isso leva o sujeito a ter que compreender os fatores que influenciaram a produção discursiva.

O interdiscurso, segundo Orlandi (2005), traz o conjunto de formulações anteriormente realizadas que determinam o que falamos, escrevemos, o que dizemos. Tudo que enunciamos, o dizível, vem carregado de conteúdo histórica e linguisticamente definido.

Assim, o discurso das mulheres da periferia carrega uma enorme bagagem de informações que interessam o pesquisador, a fim de compreender o posicionamento social, histórico e político delas. O que as influenciam, o que as levaram a dizer o que foi externado e o não dizer o que ficou nas entrelinhas, qual é o histórico de vida de cada entrevistada que faz com que elas tenham este ou aquele comportamento discursivo.

Considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, a forma como disse, como escreveu, procurando revelar o não dito naquilo que é dito é o que motiva a pesquisa a fim de compreender como uma mulher simples, moradora de bairros da periferia de Campo Grande, enfrenta o preconceito, a desvalorização por ser mulher e os obstáculos que a sociedade lhes impõe, assim como compreender quais as estratégias discursivas adotadas por essas mulheres que possibilitam que elas conquistem o seu objetivo: maior representatividade na política. E ainda: qual é o lugar de fala dessas mulheres.

O objetivo geral da pesquisa, convém retomá-lo, é analisar a posição discursiva de mulheres da periferia, destacando o protagonismo de trabalhadoras e donas de casa em busca de respeito, reconhecimento e de representatividade na política, especificamente é identificar as estratégias discursivas escolhidas por essas mulheres simples e trabalhadoras, bem como verificar nos discursos de que forma a linguagem e a identidade se articulam na construção da identidade da mulher líder comunitária; e ainda investigar como se constrói o discurso de sujeição e insurreição das entrevistadas aos obstáculos impostos pela sociedade patriarcal e a partir disso como essas mulheres revelam suas identidades sociais. Soma-se a isso a necessidade de analisar a influência de ideologias machistas e/ou feministas nos discursos dessas mulheres, considerando a idade e a escolaridade.

O corpus apresentado aqui foi construído por meio da aplicação de um questionário a colaboradoras, mulheres de diferentes regiões de Campo Grande, MS. Analisaremos algumas respostas preservando sempre a identidade de cada colaboradora. Faremos um recorte no questionário, destacando algumas perguntas e respostas.

### **Perguntas:**

- 1) Na sua opinião, o nível financeiro da mulher ajuda ou não na atuação e na relação social dela? Se sim ou não, comente.
- 2) Qual a diferença entre a mulher da classe média e da mulher da periferia (camadas populares)? Comente.
- 3) Como você se vê? Mulher da classe média ou mulher da periferia ou outra representação social? Qualquer que seja a sua representação, comente.
- 4) Em relação a sua representação étnico-racial, ela contribui ou não para a sua atuação social/política? Se sim ou não, comente.

### **Respostas das colaboradoras:**

Para a 1ª pergunta:

**Colaboradora 1: “sim, ajuda em todo contexto da vida da mulher no geral”.**

Para a colaboradora 1 a questão financeira ajuda “em todo contexto da vida da mulher”. O enunciado destacado carrega em si uma generalização que demonstra o lugar que a enunciativa reserva para questão financeira, é importante para a sua atuação e relação social. Seguindo Orlandi (2005), entendemos que o interdiscurso apresenta formulações produzidas anteriormente que influenciam e determinam o que escrevemos, o que enunciamos.

Assim, o que está implícito no que a colaboradora 1 externou vem de como ela vê a vida da mulher, baseando em suas experiências. Para ela, estar bem financeiramente significa estar bem em outras questões da vida, “no geral”; o dizível, vem carregado de conteúdo histórica e linguisticamente definido.

Ancorando-nos nas palavras de Orlandi (1992, p. 12), “todo dizer é uma relação fundamental com o não dizer”, entendemos que o que a colaboradora 1 não disse, mas está no seu discurso é que ela considera que a mulher da periferia de alguma forma tem dificuldade na sua atuação e nas relações sociais por causa da questão econômica, o que a coloca em patamar de desigualdade e inferioridade em relação a uma mulher financeiramente em melhor situação econômica.

**Colaboradora 2: “talvez”.**

A resposta da colaboradora 2 pode parecer vazia, porém está cheia de significado; a incerteza, a dúvida revela que, por um lado, a enunciativa entende que o nível financeiro da mulher pode ajudar de alguma forma na atuação e na relação social, mas pode não influenciar, e ela não considera que prejudica, diferentemente da colaboradora 1.

**Colaboradora 3: “sim, a independência financeira facilita e muito poder estar bem para a atuação profissional, tb eleva a auto estima e a confiança.”**

O discurso materializado externa a ideia de que a questão financeira ajuda na atuação e nas relações sociais da mulher, ao passo que traz a independência financeira como agente facilitador para a mulher estar bem em sua profissão, na medida em que eleva a autoestima e a confiança, fatores que influenciam no desempenho de uma mulher em qualquer setor. Isso é o que aparece explicitamente, porém estão presentes os discursos silenciados que também carregam uma bagagem de sentidos significativa.

Quando a colaboradora 3 destaca a influência da questão financeira, dizendo que leva à independência financeira, elevando a autoestima e a confiança, implícita está a ideia de que sem independência financeira a mulher tem dificuldades para ter sucesso em sua atuação profissional, tendo problemas com a autoestima e consequentemente com a confiança. Assim a realização profissional está intimamente ligada à questão financeira.

**Colaboradora 4: “ajuda com certeza. A mulher convive com pessoas do seu meio social. Isso é definido, de acordo com o seu nível salarial.”**

Como percebemos, todas as colaboradoras, excluindo a colaboradora 3, respondem de certa forma afirmativamente (SIM) ao que foi perguntado, considerando



importante a questão financeira, pois ajuda na atuação e relação social da mulher, define o meio social da pessoa, e esse meio segue o nível salarial.

Isso é o que foi dito explicitamente, o que não foi dito pela colaboradora 4 é que ela escalonou o meio social, dividindo-o segundo a renda: salário mais baixo, nível mais baixo; salário mais alto, nível mais alto, e isso para ela é importante. Se é importante, impacta na atuação e nas relações sociais.

### **Respostas das colaboradoras:**

Para a 2ª pergunta:

**Colaboradora 1:** “nossa, é uma diferença gritante a da periferia em algumas vezes. não consegue comprar o básico necessário”.

Considerando o que a colaboradora 1 enunciou para responder a primeira pergunta, entende-se o que ela disse para responder a questão 2. Explicitamente ela afirma que há diferenças entre a mulher da periferia e a da classe média, o que é do senso comum. O que chama atenção é o uso do “nossa”, “uma diferença gritante”. No que consiste essa diferença? A da periferia não consegue comprar o básico. Implícito está que a da classe média consegue comprar o básico e muito mais. As duas mulheres são diferentes porque elas financeiramente são diferentes. Essa diferença impacta na atuação e nas relações sociais. A mulher terá dificuldade para atuar, para se relacionar. Isso coloca a mulher da periferia em posição de inferioridade em relação a da classe média. Tudo por causa do poder aquisitivo.

**Colaboradora 2:** “Acho que só somente a luta do dia a dia, porque para a mulher de periferia a luta é mas complicada ainda”.

A colaboradora 2 respondeu “talvez” para a 1ª pergunta. A resposta apresentada a 2ª pergunta está coerente com a linha de entendimento apresentado anteriormente. A única diferença que ela encontra está na luta. A da classe popular luta mais, porque sua vida é mais desafiadora, “é mas complicada ainda”. Não é que a da classe média não tenha luta, a mulher classe média luta com menos complicação.

Isso é o que está explícito. Implícitamente a colaboradora demonstra valorizar a mulher da periferia por sua luta. As dificuldades fortalecem a mulher da periferia.

**Colaboradora 3:** “Apoio. A mulher da classe média tem opções qdo o “Estado” nega a sua responsabilidade social. A mulher da periferia esta por conta e risco, qdo o Estado falha ela precisa se reinventar e procurar proteção”.

Comparando a resposta dada pela colaborado 3 a 1ª pergunta, em que a enunciativa claramente valoriza a questão financeira, percebemos que ela continua valorizando, mas na resposta da 2ª pergunta ela destaca que a desvantagem da mulher da periferia lava-a a se reinventar para sobreviver. Implícitamente esse reinventar é positivo, é um diferencial da mulher da periferia, pois diante das dificuldades e do abandono do Estado ela cria alternativas para resolver os seus problemas, o que a mulher da classe

média não precisa fazer. Assim, as dificuldades atuam significativamente na atuação das mulheres e na sua performance.

**Colaboradora 4:** “A diferença está no acesso aos bens e serviços. Uma mulher de classe média, consegue viajar por exemplo, para muitos lugares, que uma mulher da periferia, não consegue.”

Explicitamente a colaboradora 4 declara que a diferença está no acesso a bens e serviços e considera viajar para muitos lugares um bem, porque serviço não seria uma classificação lógica para viagem. Embora o dito se resuma a questão de acesso a bens e a serviços, o não dito traz muitas informações, como por exemplo: a mulher da classe média tem facilidades que a mulher da periferia não tem, o que torna a sua vida mais confortável e prazerosa, e isso está relacionado a questão financeira. A resposta a 2ª questão se alinha à resposta da 1ª pergunta, demonstrando o valor que a colaboradora 4 dá para o fator condição financeira, e essa questão afeta sua atuação e as suas relações sociais.

### **Respostas das colaboradoras:**

Para a 3ª pergunta:

**Colaboradora 1:** “classe média. Consigo manter as necessidades primordiais”.

A resposta explícita da colaboradora 1 a exclui do grupo de mulheres da classe popular (pobre), e o critério adotado para essa exclusão é conseguir manter as necessidades primordiais. O que seriam necessidades primordiais para ela? O não dito responde a essa pergunta. Seria ter acesso à saúde, educação, moradia e à alimentação de qualidade, ou seja, quem não consegue nem garantir o sustento básico é pobre, e ela (colaborado 1) não é pobre.

Os conceitos de classe popular (pobre), média e rica não serão explorados neste artigo, mas merecem a elaboração de trabalho futuro, tendo em vista que não há consenso sobre esses conceitos, pois depende de onde se olha, de quem olha; o conceito de classe, por exemplo, média pode variar bastante no nosso país.

**Colaboradora 2:** “Mulher de classe média

Tenho as minhas lutas, mas tenho certeza que enfrento situações bem mas tranquila que elas.”

A colaboradora 2 se considera de classe média e percebe-se que ela justifica dizendo que suas lutas são diferentes das lutas da mulher pobre. Isso é que está exposto, o que não está exposto é quais são as lutas dela e da mulher da classe popular. Ao utilizar “enfrento situações bem mas tranquila”, ela classifica as lutas em tranquilas e não tranquilas. O não dita se assenta na forma de vida da mulher da classe popular, na dificuldade de manter sua família, no acesso à saúde, educação, moradia, trabalho digno.

A mulher da classe média é economicamente mais confortável, tem suas lutas, porém sofre menos.

Nesse ponto, cabe retomarmos o fato de que “a distância do centro é, assim, uma distância sociológica a um centro, sendo este definido pela diversidade e pela densidade das relações sociais, pela intensidade da vida cívica, pelo acesso à informação, pela aglomeração de recursos culturais, políticos, econômicos etc.” (DOMINGUES, 1994, p 7, citado por JESUS, 2021, p. 65). Esses indicadores que definem o centro sociológico e economicamente privilegiado são justamente as maiores dificuldades da periferia que sofre com a falta de serviços e com a infraestrutura deficiente, o que ressalta as dificuldades (torna mais complicadas as lutas) das mulheres da classe popular.

### **Colaboradora 3: “mulher mãe solo”.**

A resposta da colaboradora 3 chama atenção pelo fato de ela não se classificar como de classe média nem da classe popular, como se ser mãe solo fosse uma classificação. Para ela é. O que está por trás dessa classificação é muito significativo. O não dito tem força discursiva. Ser mãe carrega em seu contexto dificuldades maiores do que não ser mãe solo, que vão além da questão financeira. Isso é uma declaração implícita forte. A mãe solo sofre para sustentar seu lar, cuidar do seu filho e dela mesma.

**Colaboradora 4:** Classe média. “vejo sempre as mulheres de classe média viajando, usando carros bons, filhos nas escolas particulares. Enquanto a mulher da periferia, sem muitos recursos, não tem acesso a quase nada.”

A colaboradora 4 se considera classe média, mas não explica claramente por que se considera assim. No entanto, quando ela enuncia que vê sempre as mulheres de classe média viajando, usando carros bons, por exemplo, parece que ela se exclui desse grupo de mulheres. A resposta evidente sugere uma contradição em relação ao não dito, este anula a resposta dada à pergunta.

Para a 4ª pergunta:

**Colaboradora 1:** “No meu registro de nascimento está como branca, porem sou de família branca e negra. Acredito nunca ter interferido”.

Para a colaboradora 1, em relação a sua representação étnico-racial, ela acredita que nunca influenciou, não há interferência. Ela se declarou branca, mas há pessoas na família negras. Pelo que percebemos, a colaboradora não apresenta traços que possam a identificar como negra. O que podemos entender é que isso faz com que ela não tenha enfrentado situações de preconceito.

**Colaboradora 2:** “sim, pois infelizmente ainda tem muito preconceito nesse país por ser uma mulher ou ate mesmo por ser uma mulher negra.”

A resposta da colaboradora 2 evidencia que ela sofre ou já sofreu preconceito pelo simples fato de ser mulher e isso influenciou de alguma forma na sua atuação política e social. Essa é a realidade da maioria das mulheres, enfrentamos preconceito de gênero. Ela utilizou a expressão “ou ate mesmo” para dizer que a mulher negra também sofre.

Não fica evidente em sua resposta que ela é negra ou não. Mas o movimento entre o dito e o não dito que traz sentidos, que podem ser lidos num discurso mesmo não estando claramente evidentes, permite-nos vislumbrar que a colaborado 2 não é uma mulher negra, porque se fosse não relativizaria o preconceito enfrentado pela mulher negra ao

usar ‘ou ate mesmo’, que carrega no discurso um tom minimizador da problemática real. Talvez a colaboradora não enxerga que o sofrimento da mulher negra com o preconceito seja acentuado por causa da sua representação étnico-racial.

**Colaboradora 3:** “sim, sou branca, condição privilegiada em uma sociedade racista que carrega preconceitos evidentes em atuação social.”

Em sua resposta a colaboradora 3 assume que é branca e isso para ela é uma condição privilegiada em uma sociedade racista, preconceituosa. O fato de ser branca interfere positivamente em sua atuação política e social. Isso é o que está expresso no discurso explícito.

O não dito tem muito significado. Para a colaboradora ser negra, por exemplo, prejudica a atuação política e social. Uma mulher negra não terá o mesmo sucesso de uma mulher branca, porque a negra tem mais dificuldades, mais obstáculos para superar. Isso porque a sociedade brasileira está estruturada em sistemas de opressão, que institucionalizaram práticas descriminalizantes.

**Colaboradora 4:** “sim. As mulheres tanto a da classe média, quanto a da Periferia contribuem na formação social e política do seu meio.”

A colaboradora 4 afirma que, em relação a sua representação étnico-racial, esta contribui para a sua atuação social/política ao dizer ‘sim’. No entanto, o comentário apresentado não está em consonância com o questionado explicitamente e nem com a resposta ‘sim’. Ela se referiu à classe e não à representação étnico-racial no comentário. Ao dizer que tanto a mulher da classe média, quanto a da classe popular (da periferia) contribui para formação social e política do meio, ela ressalta o papel da mulher, mas não destaca a questão racial. Se interfere, ela não conseguiu dizer como nem por que interfere.

### Considerações finais

Este texto teve como propósito apresentar um recorte da pesquisa de pós-doutorado em Linguística da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), com o tema ‘A posição discursiva de mulheres da periferia: o protagonismo de trabalhadoras e donas de casa e a representatividade na política’.

O tema se destaca por ser fundamental reforçar o discurso em defesa de mais espaço e direitos para as mulheres, principalmente para as mulheres pobres da periferia de Campo Grande, MS, que socialmente enfrentam todo tipo de dificuldades e lutas para sobreviver e manter a família.

Mesmo diante de todos os desafios sociais e econômicos, há mulheres periféricas que almejam assumir ou manter a posição de liderança em sua comunidade, porque creem que somente se colocando em espaço de luta por respeito e dignidade, elas sobreviverão em uma sociedade histórica e culturalmente machista, marcada pelo patriarcado estrutural e institucional que reserva para as mulheres papéis de coadjuvantes. O Machismo revela opiniões e atitudes opostas à igualdade de direitos entre homem e mulher, o que leva ao favorecimento do homem em detrimento a mulher. Isso é acentuado quando a mulher é da periferia, pois enfrenta os problemas econômicos que limitam seu acesso à informação

e a preparação para o mercado de trabalho. Mesmo assim as mulheres da periferia têm a consciência de que precisam movimentar para conquistar mais espaço e ter voz.

Nesse contexto, relembramos o objetivo geral da pesquisa que é analisar a posição discursiva de mulheres da periferia, dando destaque ao protagonismo de trabalhadoras e donas de casa em busca de respeito, reconhecimento e de representatividade na política.

Tomando como suporte para a análise Bakhtin (1992), Orlandi (1992, 2005), Pêcheux (1999) e outros, apresentamos resultado parcial do estudo em andamento, com o objetivo de fazer um retrato primário do perfil do discurso das colaboradoras.

Ressaltamos que fizemos uma simples análise das respostas apresentadas por 4 colaboradoras, destacando o que está explícito (o dito) no discurso e o que a nosso ver está implícito (o não dito), revelando a força discursiva e o posicionamento das colaboradoras. Foi possível ver como elas se enxergam no seu meio social.

Foram entrevistadas mulheres da periferia de Campo Grande, que de alguma forma se destacam em suas comunidades em movimentos políticos e sociais e que apresentam trabalhos comunitários, algumas têm posição de liderança.

Para analisar as respostas das colaboradoras, reforçamos o entendimento de que a incompletude do discurso se relaciona com o simbólico, carregando sentidos aos quais temos que chegar para entender o posicionamento das mulheres e seu lugar de fala. Assim, buscamos compreender os discursos e a produção de sentido, considerando que, conforme Orlandi (1992), o silêncio remete à incompletude da linguagem, tudo o que é dito tem uma relação fundamental com o que não é dito.

Nas respostas evidenciamos a inquietação acerca da dificuldade e da luta árdua que as mulheres têm para sobreviver em uma sociedade patriarcal e preconceituosa. Todas as mulheres de uma certa forma consideram que o preconceito contra a mulher existe, é forte, e impacta em sua atuação política e social.

A maioria, mesmo originárias da periferia de Campo Grande, não se consideram da classe popular, classificam-se como sendo da classe média, dizendo que têm lutas, mas essas lutas são bem menos complicadas do que as das mulheres da classe popular. Elas atribuem essa classificação ao fato de conseguirem manter o básico, o que mulheres pobres não conseguem.

Outro ponto que merece destaque é a valorizada dada à questão econômica, todas consideram importante para o sucesso da atuação das mulheres; uma delas relaciona a questão econômica com a autoestima, ou seja, ter condições econômicas melhores eleva a autoestima da mulher e lhe dá mais confiança.

Destacamos também a questão étnico-racial, uma delas considerou que não influencia na sua atuação, não dificulta; as outras consideram que interfere, inclusive uma delas afirmou que o fato de ser branca a privilegia.

O movimento entre os discursos ditos e não ditos revela que as mulheres se preocupam com as dificuldades enfrentadas por todas para conquistar o seu espaço, embora entre elas haja quem não se considera nesse meio. Essa negação talvez seja uma estratégia de defesa e de sobrevivência.

Concluimos tendo a consciência de que muito ainda precisa ser estudado para entender o lugar de fala real dessas mulheres, como elas se veem e quais são os seus entendimentos sobre a luta das mulheres e seus desafios.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003a. p.261-306.

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003b.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1969. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- DIJK, T.V. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.
- FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change**. Cambridge: Polite Press. 1992.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3.ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora da UnB, 2001.
- JESUS, Edson Silva de. **Periferia, um termo crítico: distanciamentos espaciais, sociais e simbólicos nas cidades**. Revista movimentos sociais e dinâmicas espaciais. Volume 10. Recife, 2021.
- MARCUSCHI. L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARCUSCHI. L. A. **Da fala para a escrita: atividade de retextualização**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- ORLANDI, E. **Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 6 edição. Campinas: Fontes, 2012.
- ORLANDI, E. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 13. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.
- ORLANDI, E. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- PÊCHEUX, Michel. **Análise Automática do Discurso**. Em GADET, F.; HAK, T. Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3ª ed., Campinas, SP: UNICAMP ([1969]1997).
- SILVA, Obdália Santana Ferraz. **Os ditos e os não-ditos do discurso: movimentos de sentidos por entre os implícitos da linguagem**. R. Faced, n. 14. Salvador, 2008.